



TV Multimídia na escola: uma pesquisa empírica sobre comunicação e educação¹

Elizandra JACKIW²

Luis Otávio DIAS³

Rosa Maria Cardoso DALLA COSTA⁴

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo mostrar os desafios que envolvem o processo metodológico de pesquisa empírica, desde a escolha do campo, da definição dos critérios, das técnicas de coleta de dados, até os instrumentos de registros. A pesquisa traz dados de levantamento qualitativo sobre a utilização da TV Multimídia por professores de escolas estaduais de Curitiba. O levantamento serviu de base para dissertação, concluída em março deste ano, e está sendo trabalhado com outros olhares, em projeto ainda em andamento. Investigar a relação da nova tecnologia com o professor, aluno, cultura e escola é ponto que une os dois trabalhos de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os autores consultados são Geneviève Jacquinet-Delaunay, Rosa Maria Bueno Fischer, Dominique Wolton, Ismar de Oliveira Soares, Silvio Sánchez Gamboa, Juana María Sancho e Adilson Citelli.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa; metodologia; TV multimídia; educomunicação.

CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Apurar os dados para uma pesquisa de campo é um grande desafio. Obter as informações necessárias que devem responder aos objetivos iniciais traçados requer do pesquisador alguns cuidados fundamentais. Selecionar um procedimento metodológico, elege o campo empírico e definir critérios, técnicas de coletas de dados e instrumentos de registros são alguns dos aspectos que devem fazer parte da trajetória de uma pesquisa. No campo da Comunicação não é diferente. Lopes (2005) explica que:

Toda pesquisa científica no campo da Comunicação apoia-se necessariamente na definição do tema, ou do objeto, continuando na coleta e sistematização dos dados colhidos. E desenvolve-se com a descrição de situações e relações, bem como de variáveis e fatores. É assim que se alcança a explicação propriamente dita, com a qual

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Pedagoga, Mestre em Educação da UFPR, e-mail: elizandra.j@bol.com.br

³ Jornalista, Mestrando em Educação da UFPR, e-mail: fototavio@yahoo.com.br

⁴ Orientadora do Trabalho. Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Paris 8-Vincennes. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, e-mail: rmcdcosta@ufpr.br



se revelam processos e estruturas ou nexos e tendências da realidade (LOPES, 2005, p. 11).

A pesquisa empírica requer do pesquisador um envolvimento com o projeto de forma que ele seja o mais fiel possível à realidade dos fatos, num processo que vai exigir uma coleta de dados adequada, que responda com veracidade as inquietações apontadas nos objetivos.

Independente da escolha metodológica, o pesquisador precisa estar ciente do seu papel de interlocutor entre o objeto, os sujeitos, as variáveis, os elementos e o método. É preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de interferência de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua carga de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados por elas além do aceitável. Gamboa (2009) afirma que:

A escolha de uma técnica de coleta, registro e tratamento de dados ou dos procedimentos de recuperação de informações sobre um determinado fenômeno implica não somente pressupostos com relação às concepções de método e de ciência, mas também a explicitação das concepções de sujeito e objeto (pressupostos gnoseológicos relacionados com as teorias do conhecimento que embasam os processos científicos) e as visões de mundo, implícitas em todo processo cognitivo (pressupostos ontológicos que se referem às categorias mais gerais como concepções do real, de mundo, de homem, de sociedade, de história, etc.) (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2009, p. 88).

Sabendo disso, é que se delimitou a metodologia da trajetória de dois projetos de pesquisa do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob um mesmo objeto: a TV Multimídia.

O processo de investigação iniciou-se pelas inquietações de ambos os pesquisadores que aqui se apresentam quando um projeto inovador de política educacional do governo do Paraná foi colocado em prática.

As 2.121⁵ escolas estaduais do Paraná receberam, a partir do segundo semestre de 2007, cerca de 22 mil aparelhos de TV Multimídia, instalados em praticamente todas as salas de aula da rede pública de ensino.

A TV ficou conhecida como TV *Pen Drive*, pelo fato de cada professor ter recebido do governo um *pen drive* de 2GB para gravar arquivos. A TV ainda possui outros recursos técnicos como leitor de cartões de memória e capacidade de ler diferentes extensões de arquivos de imagem, vídeo e áudio.

⁵ Dado oficial de 2010



O projeto educacional do Estado é coordenado pela Diretoria de Tecnologias Educacionais (Ditec), órgão da Secretaria de Estado da Educação, responsável pelo planejamento, desenvolvimento e avaliação dos processos de tecnologias de informação e comunicação na educação básica.

Explicitado o objeto de estudo, a pesquisa tinha como principal objetivo verificar o tipo de uso que os professores da rede estadual de ensino fazem desse recurso midiático/tecnológico em suas práticas docentes.

Convém detalhar, a seguir, a metodologia utilizada para a coleta de dados.

Com base em leituras feitas a partir de diferentes autores que têm se dedicado à discussão metodológica de pesquisas científicas na área da Educação e Ciências Humanas, se percebe que a investigação realizada se insere em uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa se opõe ao princípio positivista de neutralidade, pois entende que o pesquisador assume um posicionamento diante à realidade estudada e, nesse sentido, se preocupa com o aprofundamento da compreensão do objeto estudado. Como afirma Laville & Dionne,

O fato de o pesquisador, em ciências humanas ser um ator que influencia seu objeto de pesquisa, e do objeto de pesquisa, por sua vez, ser capaz de um comportamento voluntário e consciente, conduz a uma construção do saber cuja medida do verdadeiro difere da obtida em ciências naturais. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p, 35)

Dessa maneira, percebe-se que em uma pesquisa qualitativa, sujeito e objeto são considerados em suas relações dinâmicas (histórica, social, cultural), influenciando e exercendo influência um sobre o outro.

Não há, portanto, possibilidade de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o que ele estuda. Ele não se abriga, como se queria anteriormente, numa posição de neutralidade científica, pois está implicado necessariamente nos fenômenos que conhece e nas consequências desse conhecimento que ajudou a estabelecer. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.05).

Nessa abordagem de pesquisa, Gamboa (2000) afirma que o conhecimento acontece quando se consegue captar o significado dos fenômenos, desvendando seu verdadeiro sentido a partir de suas manifestações empíricas. Para ele, em uma



abordagem qualitativa, o conhecimento se faz a partir do ato de “compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e contextos. Para tanto, o sujeito tem que intervir, interpretando, procurando seu sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos (GAMBOA, 2000, p. 95).

Assim, como o objeto de estudo se insere no interior das escolas, vista aqui como um mundo social cheio de significados, a TV Multimídia foi analisada e interpretada a partir das condutas dos sujeitos envolvidos, do significado dos saberes e das práticas que são organizadas e institucionalizadas no cotidiano escolar a partir da introdução deste novo recurso tecnológico disponibilizado. Isso porque “uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, que são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras, é igualmente o caso do pesquisador: também um ator agindo e exercendo sua influencia”. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 33)

Um aspecto central para pensar a pesquisa qualitativa no espaço escolar é que cada escola é produto de uma construção social, ou seja, a escola é gerada pela interação de diferentes processos sociais.

A partir dessas proposições teóricas, foram selecionadas 68 escolas do município de Curitiba, do total de 151 instituições existentes. As escolas foram mapeadas, prevendo atingir todos os bairros da cidade, optando por escolher aquelas com maior número de alunos. Para a coleta quantitativa de dados foi elaborado um questionário de perguntas fechadas, respondidos por professores de 5^a à 8^a séries do ensino fundamental, sobre o uso da TV Multimídia em sala.

O levantamento do número de professores se deu com base nas informações do site oficial da Secretaria de Estado da Educação. Chegou-se a um número de cerca de 2.500 professores, embora esses dados podem não representar a realidade do número de professores, já que pode haver divergência nos números disponibilizados na internet. No total foram respondidos 627 questionários.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA ESCOLA

Os modos de apropriação do conhecimento e de valores vêm sofrendo alterações, principalmente sob a influência das tecnologias que ocasionaram transformações culturais. Os equipamentos audiovisuais, cada vez mais sofisticados, habituaram as novas gerações a leituras múltiplas e não lineares. Não se pode negar que os alunos aprendem com os meios e manifestam essas numerosas aquisições em sala de aula. Isso porque a TV,



[...] como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentimentos, ideias, indagações, informações faz de seu uso e estudo uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcados por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação de nosso tempo. Há portanto, um cruzamento básico aí, entre uma forma de expressão cultural, própria de nosso tempo, dos modos de aprender e de ensinar, certamente alterados pela existência desse e de outros meios de comunicação e informação. (FISCHER, 2006, p.17)

Nesse cenário, deve-se considerar que esses alunos-jovens estão atualmente inseridos num amplo universo digital, movido por diversos elementos de comunicação que acabaram por transformar não apenas as formas de comunicação por meio da leitura e da escrita, mas a produção e o armazenamento das informações.

De acordo com Almeida (2005, p. 41), a linguagem produzida com a mídia audiovisual, na integração entre imagens, movimentos e sons, atrai e toma conta das gerações mais jovens, cuja comunicação resulta do encontro entre palavras, gestos e movimentos, distanciando-se do gênero do livro didático, da linearidade das atividades de sala de aula e da rotina escolar.

Sobre isso, Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 33) afirma que os meios de comunicação, principalmente a televisão e o vídeo, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação, envolvendo os aspectos sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação com o público. Assim, “a televisão e o vídeo partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo - daquilo que toca todos os sentidos [...] Pela TV e pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p.37).

É fundamental mobilizar a escola para que a televisão se torne um elemento significativo na sala de aula.

O trabalho pedagógico insere-se justamente na tarefa de discriminação, que inclui desde a franca abertura à fruição (no caso, de programas de tv, comerciais, criações em vídeo, filmes veiculados pela tv, etc...) até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção de linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem falar nas emoções e sentimentos que cada uma das narrativas suscita no telespectador. Trata-se de uma proposta destinada, nos diferentes níveis de escolarização, a mergulhar na ampla diversidade da produção audiovisual disponível em vídeos, filmes, programas de televisão...(FISHER, 2006, p.27)

Nesse contexto, um aspecto levantado sobre o uso da TV em sala foi de que os alunos podem interagir com o equipamento durante a aula por meio da apresentação de trabalhos. A familiaridade com a TV permite uma interação imediata com o aluno, que



cada vez está inserido no universo das tecnologias digitais e conhece o funcionamento de equipamentos e já se familiarizou com termos como USB, *pen drive*, vídeos digitais entre outras técnicas.

Como se vê, os benefícios da integração da TV na prática do professor são melhor percebidos quando a aprendizagem não é meramente um processo de transmissão de conhecimentos, mas quando o professor vê os alunos como pensadores e capazes de resolverem problemas.

Sancho (2006, p. 32) afirma que “as salas de aula devem tornar-se lugares em que os estudantes e professores se comuniquem de forma interativa entre si”. Para ela, um ambiente centrado nos alunos e em sua capacidade de aprender, que valoriza a informação disponível no processo de construção do conhecimento, que entende a avaliação como expressão do aprendido e que é capaz de apreciar a troca de informações entre os vários atores que fazem parte desse processo, constituem uma das necessidades fundamentais para que a prática educativa seja transformada com o uso das tecnologias.

A introdução das tecnologias ao ensino convencional, além de contribuir para a autonomia do estudante e da eficiência do processo de ensino-aprendizagem, também exige a redefinição dos papéis do professor quanto a sua responsabilidade na escola atual.

Jacquinet-Delaunay (1985) relata um projeto de educomunicação na escola de ensino secundário Marly-le-Roi, em Paris, entre 1967 e 1979.

De modo geral tratava-se de um circuito de TV fechado, a cabo, disponibilizado a seis salas de aula da sexta série (equiparando ao nosso ensino brasileiro), capaz de interagir com o professor e aluno em tempo real. As produções dos programas eram feitas pelos próprios professores e ao aluno era dada a oportunidade de participar como receptor e co-autor da produção já que alguns trabalhos feitos por eles eram apresentados pelo professor apresentador do programa, visto também pelos demais alunos.

Se considerarmos as características peculiares da época, a iniciativa francesa é mesmo um avanço e também serve como fonte de pesquisa para a nossa época, com a nova proposta que se apresenta com as TVs Multimídias nas escolas do Paraná. A autora em diversos momentos enfatiza a participação do professor como peça fundamental do processo, ainda que o foco principal fosse o aluno. Inclusive, o interesse



no aluno foi o motivo principal que fez Jacquinot se dedicar à pesquisa na área da comunicação em benefício da educação.

A ideia de que o aluno é o foco principal também é defendida por Wolton (2006, p.14) ao afirmar que “é preciso saber se o outro está ouvindo e se está interessado no que eu digo. E se responder, isto é, se por sua vez se expressar, será que eu estou pronto para ouvi-lo?”.

Para Jacquinot-Delaunay, “a televisão sempre é educativa, ainda que seja de uma maneira que escape à pedagogia”⁶ (1985, p.10). Ela defende a presença da TV na escola e enfatiza como principais características dessas tecnologias: o acesso direto e rápido a uma grande quantidade de dados; a mistura e manipulação de novas possibilidades de articulação; a simulação de situações do mundo real mediante mundos virtuais ou realidades virtuais; e a interatividade. Esta tida como primordial, ao dizer que “a interatividade atenua a separação clássica entre a postura do autor e aquela do leitor, e o utilizador pode ser sucessivamente emissor e receptor, aquele que produz e que reage”(JACQUINOT – DELAUNAY, 2008, p. 274)

Wolton reforça que o papel da TV na escola vai além da simples transmissão da mensagem ao concluir que

Somente a transmissão não basta; é preciso frequentemente negociar. Assim, no campo da educação, é preciso transmitir os conhecimentos, mas em relação ao passado estamos muito mais sensíveis às condições da recepção. O ensino sempre esteve relacionado à pedagogia e à didática, mas, hoje, os professores estão muito mais atentos às condições da recepção. Há evidentemente um anacronismo em censurar o mundo escolar por não ser moderno: ensino sempre foi comunicar, isto é, pensar nas modalidades que permitem ao receptor, o aluno, compreender aquilo que lhe é dito, e ao professor, por sua vez, levar em conta as reações de seu aluno. (WOLTON, 2006, p. 29-30)

Jacquinot-Delaunay diz que “o importante é a reflexão pedagógica e a formação dos professores, a tomada em conta de consequências na organização da sala de aula e do estabelecimento de ensino e as evoluções da concepção de ensino e de aprendizagem e assim, por consequência, da avaliação”⁷.

Ela diz que é preciso haver uma formação diferente para os professores e que eles precisam ser mais flexíveis, disponíveis e abertos a um ambiente tecnológico, o qual eles devem administrar tanto no plano técnico como no dos usos. “É necessário que

⁶ Tradução livre dos autores para “la televisión siempre es educativa, aunque lo sea de una manera que escape à pedagogia” (JACQUINOT, 1985, p. 10)

⁷ Entrevista por e-mail traduzido pelos autores do artigo em 28/05/2009.



compreendam que não se podem dissociar o fenômeno midiático do conjunto do processo de desenvolvimento social” (DALLA COSTA, 2007, p. 79).

Citelli também manifesta uma preocupação em como pensar o sistema educacional considerando um mundo mediado pelas relações comunicacionais. Para ele, essas relações evidenciadas pelo uso da televisão, rádio, computador, ao lado do giz e da lousa são “ritmo e velocidade nas linguagens mediáticas convivendo com oralidade nem sempre agradável e cifrada numa temporalidade que segue o andamento natural do sistema fonador.” (CITELLI, 2004, p. 16)

O autor revela o desafio que é para professores administrar conteúdos escolares muitas vezes superados, num processo que consome tempo e energia “dificultando a superação das distonias entre as dinâmicas da história e a cristalização do discurso escolar.” (CITELLI, 2004, p. 16). Citelli confirma que para as instituições de ensino se reajustarem terão de fazer uma análise dos processos comunicativos na vida da comunidade escolar como um todo (alunos, professores, diretores, etc.).

COM A PLAVRA, OS PROFESSORES

Ao analisar a utilização da TV Multimídia pelos professores, encontramos um universo amplo de variantes de como esse objetivo pode ser utilizado na sala de aula das escolas estaduais do Paraná. É possível pensar o professor como o sujeito do objeto, de que forma ele se apropria da TV para se comunicar por meio dos conteúdos selecionados.

O conceito de unidade de observação de Lessard-Hérbert (2009) diz que é impossível observar toda a realidade, de que a investigação é sempre um processo seletivo. Essa seleção de perceber o professor frente a um instrumento de comunicação permanente em sala, compondo o cenário do quadro e do giz, frente aos alunos, tão acostumados com a TV comum das suas casas, levou a definição pela pesquisa quantitativa de investigação utilizando o polo técnico da entrevista.

Os questionários elaborados em co-participação pelos pesquisadores e respondidos por 627 professores retornaram para serem analisados um a um.

O recorte da pesquisa em andamento, que servirá de base para dissertação de Mestrado, foi definido de acordo com questionário sobre a frequência do uso da TV pelo professor. Cerca de 28% dos professores responderam que usam a TV com maior frequência.



Desse total de aproximadamente 175 professores, foram escolhidos 16 deles com base em alguns critérios pré-definidos, como sexo, idade (mais jovens e mais velhos), tempo de serviço e disciplina.

Os professores estão lotados em escolas pertencentes aos oito setores do Núcleo Regional de Educação de Curitiba, assim denominados de Santa Cândida, Boa Vista, Centro, Portão, Cajuru, Boqueirão, Pinheirinho e Bairro Novo.

Também optou-se por fazer uma observação, com o objetivo de identificar e registrar os comportamentos que fazem parte do sistema escolar.

Foram analisadas duas aulas de história com o uso da TV Multimídia na Escola Estadual Professor Cleto, no centro de Curitiba. A estratégia foi fundamental para a compreensão de todo o processo e para a elaboração da entrevista, escolhida como um dos procedimentos metodológicos.

A elaboração das perguntas buscou suporte nos fundamentos da educomunicação, ao expor aspectos defendidos por Ismar de Oliveira Soares⁸ como o de criar um ambiente democrático comunicativo na escola. Em entrevista à Revista Geografia⁹, Soares explica como surgiu o termo e quais são os objetivos de se formar um grupo de estudos específico no Brasil. Ao ser perguntado como um professor sabe que ele está fazendo educomunicação em sala de aula, Soares respondeu o seguinte:

Quando nós começamos a fazer a divulgação do conceito, a gente sabia que uma prática educacional ideal é aquela que revolucionasse as relações de comunicação em toda uma escola. Que tornasse mais democráticas as relações e transformasse aquele espaço escolar em um grande espaço de produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, toda essa produção num processo democrático. Isso, contudo, é uma utopia, um projeto, é o ideal. Agora, esse ideal só se tornará possível um dia se ele começar por algum lugar. A proposta para sala de aula que nós trazemos é que o professor, no seu pequeno espaço, promova a educomunicação. (SOARES, 2009, ACESSADO EM 23/11/2010)

Faz-se necessário explicar os motivos que levaram a escolher a entrevista como um dos procedimentos metodológicos da pesquisa em andamento. Para Lessard-Herbert, Goyette e Boutin (2009), a entrevista possui laços evidentes com outras formas de coleta de dados nomeadamente com a observação. Werner e Schoepfle¹⁰ (1987, citado por Lessard-Herbert, Goyette e Boutin, 2009) afirmam, igualmente, “que a

⁸ Coordenador e fundador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), Soares é precursor dos estudos da educomunicação no Brasil.

⁹ Entrevista com Ismar de Oliveira Soares “Entenda a Educomunicação” – Revista Geografia, Edição 26, julho 2009, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49, disponível na internet no endereço <http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-2.asp> acessado em 23/11/2010.

¹⁰ WERNER, Oswald e SCHOEPFLE, G. Mark (1987), *Systematic fieldwork, volume 1, Foundations of ethnography and interviewing*, Newbury Park, Sage, 416 p.



entrevista permite ao observador participante confrontar a sua percepção do “significado” atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos com aquela que os próprios sujeitos exprimem.”(p. 160). Propõem que se comece por tratar em separado os dados de observação e os dados de conversação, da entrevista.

Dentre as tipologias de entrevistas optou-se pela que Lessard-Herbert, Goyette e Boutin (2009) denominam de entrevista clínica, orientada, semiestruturada com um número definido de questões. É importante destacar que mesmo com as perguntas abertas elaboradas previamente, as respostas levaram o investigador a não seguir o roteiro na íntegra. Dependendo das respostas dos entrevistados abriam-se oportunidades de relatos que enriqueciam ainda mais o método, o que não prejudicou seguir o eixo do roteiro inicial.

As entrevistas tiveram duração aproximada de 40 minutos. As respostas, ainda em análise nessa fase da pesquisa em andamento, começam a projetar os efeitos da política de educação implantada pelo Estado.

Está sendo possível constatar a forma com que o professor mais usa o equipamento - se com vídeos sobre o tema da aula, reforço de conteúdos, exemplos de notícias de telejornais, recursos produzidos pelos alunos - também pretende conhecer quais as expectativas do professor com a TV – se tornou as aulas mais atrativas ou se não fez diferença, se ajudou na aprendizagem dos conteúdos e despertou o interesse dos alunos, e se mudou a maneira de trabalhar os conteúdos em sala.

O professor pode sinalizar o que mais o influenciou a usar a TV, quais foram as maiores dificuldades e como viu a importância dessa experiência.

O roteiro pré-definido para a entrevista foi dividido em três partes de acordo com os objetivos específicos da pesquisa. A primeira parte foi dedicada a analisar a apropriação da TV Multimídia pelo professor. A segunda serviu para identificar os formatos e produção dos conteúdos. A terceira parte tentou constatar como os professores avaliam a utilização que fazem da TV Multimídia. Para preservar as identidades dos professores entrevistados, eles serão identificados como P1, P2, e assim por diante.

Antes de passar para a explanação de cada etapa das entrevistas, cabe uma pequena pausa para relatar na íntegra como foi a primeira visita feita à Escola Estadual Professor Cleto, no centro de Curitiba, para entrevista uma professora de História, que habitualmente utiliza a TV Multimídia nas suas aulas.

Cheguei na escola por volta das 7h45 da manhã. Nesse dia o acesso foi pelo portão do estacionamento, de entrada de carros, porque havia uma ampla reforma em



andamento. Uma ala inteira estava interdita, e, por isso, o acesso pela portaria principal estava fechado. Algumas turmas já estavam dispensadas com o final do ano letivo. Por conta da reforma tomar praticamente metade de toda a estrutura da escola, a entrevista foi realizada no pátio mesmo. Os alunos já estavam em sala então o local estava praticamente vazio, apenas com funcionários circulando e vez por outra, um aluno passava. A professora estava totalmente à vontade para conversar ao ar livre. A entrevista discorreu sem atropelos e foi gravada para posteriormente ser transcrita na íntegra.

Entre a primeira entrevista e a última ocorreu uma evolução do processo. A contribuição de um professor serviu para aprimorar o debate com o seguinte. Para melhor análise do conteúdo das entrevistas transcritas, as respostas foram divididas em categorias temáticas que passam pelo acesso à informação sobre a aquisição das TVs; expectativas do professor; dificuldades de operacionalização do equipamento; frequência do uso da TV nas disciplinas; níveis de interação com o equipamento em sala; e participação do aluno.

- 1- Sobre as primeiras impressões que os professores tiveram da TV Multimídia e como eles ficaram sabendo da aquisição do equipamento pelo governo do Estado

P1 - Soube da TV nas reuniões pedagógicas com a diretora, inclusive a direção daqui sempre enfatizou o uso da TV. A antiga direção, mais ainda, sempre cobrou da gente o uso do laboratório de informática, era como obrigatório, o professor utilizar o laboratório, pelo menos, planejar algumas aulas pra levar os alunos ao laboratório e também planejar as aulas pra TV.

P2 - Como eu estava na direção, na época, nós tivemos na reunião com a chefe de setor, avisando que as TVs vinham até a escola. Elas demoraram um pouco do prazo que foi avisado pra gente, inclusive nós não recebemos todas as TVs (quando começaram a entregar na segunda semestre de 2007), temos 12 salas e vieram sete TVs. Aí começamos a procurar onde estavam as outras TVs que não tinham vindo. Aí descobrimos que estavam aqui no Paula Gomes (Colégio Estadual Paula Gomes, no bairro Santa Quitéria, bairro vizinho) e teve todo um processo para trazer essas TVs prá cá.

P3 - Olha não sei te dizer, porque eu fiz o concurso em 2007 e quando eu assumi, em abril do ano passado (em 2010) já existiam as TVs. Então, quando eu cheguei no Estado já existiam esses TVs (as TVs Multimídias) funcionando perfeitamente “entre aspas”, mas já estavam em sala de aula. Quando eu cheguei já tinha, estava tudo ali bonitinho. Mas quando você vai começar a usar aparecem os problemas. Toda sala tem uma TV, mas aí não tem pilha, só tem um controle que funciona, tem o professor que leva o controle embora, aí o outro não pode usar.

Os professores conheceram o equipamento com mais detalhes quando ele já estava instalado na sala. A interação com a TV ocorreu de fato no dia a dia. As



expectativas e os anseios de conviver com uma nova tecnologia permanente em sala foram percebidas de forma diferente entre eles.

P1 - Com certeza, porque como a gente não tem sala de aula específica para o uso de tevê com DVD, tevê com vídeo, era muito trabalhoso você deslocar esses aparelhos pra sala de aula. Questão às vezes simples de funcionamento dos aparelhos e também do material utilizado era mais complicado, acho que TV Multimídia facilitou isso.

P3 - Pra mim não muda a aula, porque você pega sala que pode ter vidro (janelas) quebrado, carteiras pichadas, arrebentadas, o que me choca muito. Agora TV pra mim é mais como se tem a lâmpada na sala de aula, tem a TV, porque eu não uso em toda aula. Eu não faço uso dela em toda aula, porque aula pra mim é uma coisa e a TV está para complementar uma ou outra coisa do conteúdo que eu vou trabalhar. Eu não uso ela como “muleta”.

P2 - Enquanto professora você fala. Ficamos. Acho que todos os professores ficaram com receio, porque tem que entender que a gente não lida só com professor jovem. A gente tem toda faixa etária, aqueles professores que estão perto de se aposentar. Então eles ficaram um pouco com medo de como iam lidar com essa nova tecnologia. Mas aí a gente vê que eles foram em busca, procuram se aperfeiçoar pra poder utilizar a TV.

P1 - Ela só complementa, até porque as aulas não são só expositivas, a gente tem que ter uma aula participativa, o aluno tem que realizar atividades, o professor quer explicar, às vezes, com suas próprias palavras e utiliza o quadro pra isso. Acho que ela é uma complementação. Eu acho que hoje em dia, pelo ao menos nas minhas aulas, não se utiliza mais o quadro pra passar o conteúdo complementar do livro, você usa a TV.

P2 - Alguns professores acabaram substituindo o quadro pela TV. Então ao invés de eu escrever no quadro eu vou digitar no computador, tipo uma transparência, um slide e vou colocar na TV, então transferiu o quadro pela TV. Outros não, a grande maioria usa a TV pra passar vídeo como enriquecimento mesmo. Mas existiu essa transferência e nós como direção falamos pra eles. Vocês têm que cuidar muito pra não deixar que a TV vire o quadro, uma cópia.

P3 - Não existe substituição da lousa. Você precisa escrever alguma coisa, complementar, mostrar. É bom pra imagem, mas mesmo assim a tela é muito pequena pra você mostrar uma imagem pra uma sala tão grande. O *data-show* seria ideal. Por exemplo, eu uso *Power Point* com imagem. Texto eu passo do pressuposto que o aluno já tem no livro dele, e o livro é para o aluno. Então, quando eu vou fazer atividades em cima de textos, aí sim eu uso o livro didático, mas pra mim o conteúdo é um conteúdo, o que está com o aluno é do aluno, então eu não uso como “muleta” pra mim, de forma alguma.



Os professores relataram como passaram a preparar suas aulas a partir da instalação da TV na sala e quais as opiniões que tinham sobre uso de novas tecnologias de informação e comunicação na escola.

P1 - Eu acho que ela auxilia sim, principalmente porque os alunos estão muito acostumados com a informação imediata, da TV, da internet, dos e-mails, a TV auxilia pra cativar esse aluno, pra chamar a atenção dele, pra algo diferente, diferente do livro, diferente do texto como eu já disse, mas ao mesmo tempo eu tenho medo de uma desvalorização do material impresso, porque essa geração é toda comunicação, é ligada nesses meios. Parece que eles têm preguiça de ler uma folha inteira de papel.

P2 - Olha eu acho que sim. Você trabalhar um vídeo com o aluno e a partir disso você pedir pra ele produzir um texto, porque eu faço muito isso com os meus, eu acredito que contribui desde que você não substitua o quadro pela TV. Eu acho que ela tem que ser uma ferramenta a mais.

P3 - Sem sombra de dúvidas, contribui muito para a educação. Antigamente, na época mesmo que eu estudei (na década de 1990), você ouvia falar por exemplo, sei lá da China, da Mongólia, da Austrália, do canguru. Se não tivesse um desenho de um canguru, por exemplo no livro, você nunca ia saber o que era um canguru. Hoje você fala, usa, por exemplo, qualquer lugar do mundo, do planeta, do espaço que você fala, você vai lá na internet tem imagens, pode selecionar, por exemplo todas as imagens de tal lugar estou usando em sala de aula. Então claro que aproxima, mas vai muito do professor fazer isso pra ilustrar.

2 – Sobre os formatos e produção de conteúdos

Os professores têm autonomia sobre os conteúdos utilizados em sala. O Portal Dia a Dia Educação disponibiliza milhares de arquivos como apoio, mas nem sempre é suficiente para atender a demanda dos professores, que acabam buscando outras fontes de informação na internet.

P1 - Não, todas não. Eu utilizo os vídeos, trechos de filmes, às vezes, mas a composição das aulas é feita por mim, pelo professor. Preparo, escrevo, faço os slides, procuro os slides na internet, tem conteúdo que a gente não encontra, então a gente procura. O Dia a Dia Educação, a gente utiliza 50%. Utiliza um pouco do vídeo, uma pouco de imagem.

P2 – Ajuda, mas não é 100% suficiente, a gente tá sempre procurando, tá lendo, procura revistas, no Google (site de busca na internet) acessa muito pra estar procurando coisas novas. Ele não atinge 100%, mas ele ajuda muito. Até porque esse portal é alimentado quase que diariamente. Mas é uma ferramenta excelente, eu uso bastante o Dia a Dia.



CONSIDERAÇÕES

Com a análise dos dados, o que se verifica é que os professores já percebem a necessidade de inserir os meios audiovisuais em suas práticas escolares, pois observam que os jovens crescem em ambientes altamente mediados pela tecnologia da informação e da comunicação, sobretudo a audiovisual. Aliás, tanto alunos quanto professores se identificam como usuários/consumidores desses meios, já que fora do ambiente escolar estão imersos nos mesmos efeitos da sociedade tecnológica, pois ouvem música, veem televisão, assistem a filmes e recebem diversas informações a partir de diferentes mídias.

Com a inserção da TV Multimídia dentro das salas de aula das escolas estaduais do Paraná, o que se verifica é a possibilidade de inovação da prática pedagógica a partir da aproximação dos meios audiovisuais com os conteúdos escolares. Também se observa que a escola está aberta ao novo, a novas experiências, e isso se deve quase que, exclusivamente, ao professor, pois é ele quem está no comando a maior parte do tempo. As entrevistas com os professores revelaram que o conceito de educomunicação, começa a criar raízes, mesmo que desconhecido de muitos atores desse processo, ao transmitir conhecimento por meio de novas mídias, promovendo a cidadania.

Um aspecto muito evidente da pesquisa é que os professores reconhecem a força dos meios e das novas tecnologias no ambiente escolar, pois percebem que o desenvolvimento da tecnologia e dos *mass media* atinge de tal modo os modos de vida da sociedade que a escola não pode ficar à margem.

Em suas práticas escolares os professores pesquisados demonstram vontade em compreender os processos técnicos e metodológicos do uso da TV Multimídia como meio de tornar as aulas mais atrativas e mais próximas da realidade dos alunos.

Para isso, é fundamental que professores e alunos entendam-se como parceiros que mutuamente se ajudam para explorar as possibilidades pedagógicas da TV Multimídia, transformando a sala de aula em um espaço dialógico e com convergências de interesses entre alunos e professores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M^o Elizabeth Bianconcini; MORAN, José Manuel. **Integração das Tecnologias Educativas**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. 3^a ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.



DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **A escola e o fenômeno midiático.** Revista Comunicação e Educação / Revista do Curso Gestão da Comunicação do Departamento de Comunicação e Artes da Escola da Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Ano 12, n. 3 (set-dez, 2007) – São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, p. 73-80.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JACQUINOT, Geneviève. **La escuela frente a las pantallas.** 2ª ed. (tradução de Marta Marin) Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1985.

JACQUINOT- DELAUNAY, Geneviève. **Novas Tecnologias, novas competências.**(Tradução de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa) In: Revista Educar, n.31, jan-jun/2008. Curitiba: Editora UFPR, p.267-284.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber. Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas.** Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre/RS: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 1999.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel e BOUTIN, Gérald. **Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas.** Lisboa: Instituto Piaget,1990. Coleção Epistemológica e Sociedade, tradução do original Recherche Qualitative: Fondements et Pratiques por Maria João Reis.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU,1986.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

SANCHO, Juana María; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs). **Tecnologias para Transformar a Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Coleção Questões da Nossa Época; v. 42.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Entenda a Educomunicação.** Revista Geografia, São Paulo, Edição 26, ISSN 977 1806 859 6, p. 45-49, Julho/2009. Disponível em: <<http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-2.asp>>. Acessado em: 23 de novembro de 2010.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.